

Afrofuturismo e o “Afropensamento” na sociedade brasileira: literatura e a identidade na conquista do protagonismo negro

Ana Carolina de Paula Lima¹

Daniela Vieira dos Santos²

Fabio Lanza³

Resumo: Este artigo compreende aspectos do processo de constituição identitária de pessoas negras, associado com a emergente perspectiva de produção literária e pensamento social designados afrofuturismo e afropensamento, ao longo do século XXI na sociedade brasileira. Nesse sentido, a pesquisa procurou entender qual a posição entre identidade e a formação da concepção de uma nacionalidade, relacionando-as com a literatura a partir do emergente afrofuturista, focalizando seu gênero literário. Os problemas de pesquisa que nortearam a pesquisa foram: Quais locais as pessoas negras ocuparam na estrutura da sociedade brasileira em sua formação nacionalista? Quais características sociais e históricas o gênero literário afrofuturista e a perspectiva do afropensamento apresentam no Brasil do século XXI? A partir da pesquisa bibliográfica e da seleção intencional de elementos constitutivos da identidade de pessoas negras brasileiras, este estudo apresentou os seguintes resultados: definição e conceitualização de uma identidade moderna fragilizada; a literatura brasileira como meio de afirmação ou apagamento identitário; constituição do gênero literário afrofuturista e suas concepções relacionados com o afropensamento.

Palavras-chave: Identidade Racial. Literatura. Afrofuturismo. Sociologia das Relações étnico-raciais.

Afrofuturism and “Afrothinking” in Brazilian society: literature and identity in the achievement of black protagonism

Abstract: This article deals with aspects of the process of identity constitution of black people, associated with the emerging perspective of literary production and social thought called Afrofuturism and Afrothinking, throughout the 21st century in Brazilian society. In this sense, the research sought to understand the position between identity and the formation of the conception of a nationality, relating them to literature from the emerging Afrofuturist genre. The research problems that guided the study were: which places did black people occupy in the structure of Brazilian society during its nationalist formation? What social and historical characteristics do the Afrofuturist literary genre and the Afro-thinking perspective have in 21st century Brazil? Based on bibliographical research and the intentional selection of elements that make up the identity of black Brazilians, this study presented the following results: the definition and conceptualization of a fragile modern identity; how Brazilian literature has constituted itself as a means of affirming or erasing identity; a presentation of the Afrofuturist literary genre and its concepts related to Afro-thinking.

Keywords: Racial Identity, Literature, Afrofuturism, Sociology of ethnic-racial relations.

Introdução

1 Graduanda em Ciências Sociais, com habilitação em bacharelado, com foco sociológico em análise de relações raciais pela Universidade Estadual de Londrina. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9201-4631>

2 Professora Adjunta de Sociologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e do Programa de Pós Graduação em Sociologia da mesma instituição (PPGSOC). Realizou estágio pós-doutoral (2016-2019), com bolsa da Fapesp, junto ao Departamento de Sociologia da Unicamp. Também foi fellowship, com auxílio da Fapesp (BEPE), no CSU-CRESPPA/CNRS em Paris (2016-2017). Foi pesquisadora convidada do Kings College London (2016), vinculada ao Departamento de Spanish, Portuguese and Latin American Studies (SPLAS). Doutorou-se em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio doutoral junto ao Kings College London (2011-2012). Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP - campus de Araraquara (2008) e Graduada (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela mesma instituição (2005). É editora da seção de sociologia do Periódico MEDIAÇÕES - Revista de Ciências Sociais (UEL) e dirige, em parceria, a coleção de livros HIP-HOP em PERSPECTIVA, editada pela editora Perspectiva. Autora do livro: Não vá se perder por aí: a trajetória dos Mutantes, Annablume/Fapesp, 2010. Suas pesquisas combinam Sociologia da Cultura e Sociologia Contemporânea, em diálogo com a música e a história. Dedicou-se ao entendimento da experiência brasileira através da sua matéria cantada, com interesse nas relações entre música popular urbana e indústria cultural, racismo, modernidade, nação, globalização e cultura hip hop.

3 Graduação em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara Campus da UNESP (Bacharelado-1997 e Licenciatura-2001), mestrado em História pela Faculdade de História Direito e Serviço Social Campus da UNESP de Franca (2001) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP (2006). Atualmente é professor do ensino superior no Departamento de Ciências Sociais da sua Graduação, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Mestrado e Doutorado), do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO, da Especialização em Religiões e Religiosidades na Universidade Estadual de Londrina - PR (UEL), atuando principalmente nos seguintes temas: Sociologia das Religiões; Ditadura Militar e Religiões; Educação e Ensino Religioso; Ensino de Sociologia; Extensão e Educação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2807-9075>

Na atualidade, a concepção de identidade agrega cada vez mais transformações capazes de fragmentá-la, de moldá-la e de refazê-la sempre que necessário. Esses processos são essenciais para que as pessoas tenham suas individualidades preenchidas e representadas socialmente, viés que também é valorizado e procurado por movimentos sociais identitários. No entanto, mesmo com tais processos, certos sujeitos necessitam quebrar barreiras sociais buscando encontrar um caminho para que sua identidade seja respeitada e valorizada.

Este artigo analisa o conceito de identidade afro-brasileira a partir da seleção intencional de aspectos associados com sua ancestralidade e performatividade cultural, os quais fomentam o debate acerca do desenvolvimento de uma cultura afrodescendente. É relevante às Ciências Humanas e Sociais compreender as condições presentes na sociedade brasileira que amparam a construção desta identidade afro-brasileira, verificando se essa identidade, ainda vigente e em transformação, é capaz de abarcar a realidade dos sujeitos que a vivenciam. Dentro do respectivo recorte epistemológico, destaca-se o emergente gênero literário afrofuturista, que apresenta, dentro de sua perspectiva, a reparação histórica de identidades que foram silenciadas, minimizadas ou apagadas a partir dos diferentes tipos de violência, buscando refazer sua noção de futuro.

A discussão apresenta uma conexão que associa a identidade da pessoa negra, a estrutura social e as estratégias protagonizadas – por meio da produção afrofuturista e do afropensamento – para superar a posição a que foram levados a ocupar na sociedade no Brasil a partir do desenvolvimento da noção de identidade nacional. Nesse sentido, segundo Hall, “segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural” (HALL, 2006: p.49).

Nesta reflexão, faz-se uma leitura crítica, analisando as condições para que o caminho literário seja um meio fomentador de identidade, recorrendo a uma análise histórico-social das circunstâncias que estimularam o desenvolvimento de uma literatura

nacionalista, de seu papel na sociedade brasileira e a representação dada em seus personagens. Conforme Paulo Freire (1981), verifica-se que:

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1981: p 13).

Alfredo Bosi (2002) argumenta que a narrativa lírica atinge tal grau de profundidade que é capaz de superar a vida ordinária dos sujeitos, incorporando aquilo que a vida social possui de mais intenso, traçando um caminho encorajador que seus leitores possam percorrer em busca de sua identificação social, para além daquilo que são forçados a aceitar cotidianamente. É esse caráter reestruturador que a literatura pode desempenhar na vida de um sujeito para sua própria identidade. “É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente”. (BOSI, 2002: p. 135).

Em sequência, aprofundando o debate sobre identidade e literatura, apresenta-se o afrofuturismo, um gênero visual, musical e literário que coloca o sujeito negro no centro de tudo que é desenvolvido. Para além de ser apenas um personagem protagonista, é agregada a performatividade de sua ancestralidade, religiosidade e a possibilidade de um futuro negro. “[...] não é só inserir mais atores negros numa narrativa de ficção e sim ter personagens negros e suas experiências como centro da história” (KABRAL, 2020). Visando esse recorte literário, pretende-se compreender seu surgimento; o que busca representar na sociedade contemporânea; suas especificidades literárias, tais como o afropessimismo, que surge como uma corrente teórica derivada do afrofuturismo, com uma visão crítica voltada ao pessimismo.

Diante disso, este artigo buscou a articulação da bibliografia levantada para desenvolver, como apresentado, três tópicos principais: identidade, em sua ampla complexidade contemporânea; literatura,

no que tange ao seu desenvolvimento na sociedade brasileira, e o afrofuturismo, como meio relacional entre os dois tópicos já mencionados, buscando a interposição identitária e literária para a compreensão da identidade do sujeito negro.

Sujeito negro e a identidade

Ao abordar o conceito de identidade, é essencial aos debates sociais na atualidade não tentar identificar ou impor apenas uma identidade para um grupo ou indivíduos. Isso é um equívoco. É necessária a compreensão de que, mesmo em uma única sociedade, existem várias formas de identificação a depender da trajetória pessoal de cada um, de suas escolhas, das imposições e limitações dadas socialmente. Embora duas pessoas negras tenham crescido no mesmo bairro, possuam idades semelhantes, convivam entre si, partilhem laços de parentesco, tenham formações acadêmicas similares, elas podem ter identidades muito distintas ou contraditórias.

Com base nessa noção identitária, é possível partir das Três Concepções de Identidade abordadas por Stuart Hall (2006): o sujeito iluminista, cuja identidade era fundamentalmente masculina e branca, dotado de razão e que visava à dimensão de um “eu” ao centro de tudo, essencializando a própria humanidade; há o sujeito sociológico, aquele que compreende o mundo ao seu redor como agente participativo da formação de seu “eu”, preenchendo a lacuna entre o “eu” e o “todo; e o sujeito pós-moderno, que é a transformação do sujeito sociológico, conforme as mudanças da sociedade pós-moderna, a qual não comporta mais as antigas identidades, tornando-as arcaicas e incapacitantes.

Partindo desse ponto, há a fragmentação de tudo aquilo que poderia formar a concepção de identidade do sujeito, alterando a posição de si para consigo e de si para com a sociedade: “Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”. (HALL, 2006: p.9).

Nenhuma pessoa possui uma identidade sin-

gular, assim como nenhuma pessoa é unicamente negra. Mesmo sendo um sujeito negro, ainda haverá outros recortes, como classe, gênero, sexualidade, crenças, religiosidades e valores pessoais. Além disso, o processo identitário se modifica de diversas formas ao longo da vida das pessoas, permitindo-lhes assumir diversas identificações, mesmo se elas forem opostas. “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”. (HALL, 2006: p.12).

Trazendo esse debate à sociedade brasileira atual, ao se pensar na pessoa negra, pensa-se também em sua ancestralidade advinda do continente africano. Assim, afro-brasileiros podem possuir duas culturas distintas, a do Brasil e a de sua ancestralidade, anterior aos seus antepassados serem sequestrados e levados para essa sociedade. Embora sejam distintas, não são excludentes ou contraditórias, são complementares.

Outra parte fundamental da identidade é a cultura nacional, à qual os sujeitos estão expostos. Segundo Hall (2006), a noção de nação é puramente moderna. As outras noções de identificação foram sendo condensadas, misturadas, ampliadas e, de certo modo, omitidas para a criação de uma nação. Conforme sua concepção, a nação é uma comunidade meramente simbólica e única segundo o entendimento de unidade criado. Essas noções de identificação podem ser étnicas, religiosas, culturais ou até mesmo linguísticas, culminando em uma etnia, religião e cultura específicas de cada nação. “As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso [...]” (HALL, 2006: p.50).

Nesse sentido, esse discurso é capaz de alimentar a narrativa daquela nação, reproduzir lendas e histórias sobre ela, agregando um caráter de honra em compor a posição de cidadão, da mesma forma, uma necessidade de pertencimento. Dessa forma, podem ser traçados perfis essenciais para que o indi-

víduo seja colocado como pertencente a determinada nacionalidade. Tais traços podem ser representados através fenótipos físicos, religiosos ou linguísticos.

Ao criar um perfil de um cidadão ideal, cria-se também um antagonico, o qual deve ser combatido pelo bem da unificação da nação. A partir de Hall (2006), verifica-se que uma das formas de unificação nacional é a representação de toda a diversidade cultural que diverge da nacionalidade imaginada, sendo uma forma subjacente, atomizada e menosprezada. Desse modo, os indivíduos que estão dentro do padrão retratado possuem mais um meio de autoafirmação social; mas aqueles que diferem sofrem com mais uma forma de apagamento de seu pertencimento social.

Para esta discussão, empregou-se a concepção de estigmatização de Erving Goffman (2004), de que os ambientes sociais impõem certo padrão do que é tido como normalidade. Essa normalidade é denominada pelo autor como “rotinas de relação social em ambientes estabelecidos”. Com isso, aqueles que já estão inseridos nessa rotina seguem por um movimento inerte sem grandes complicações. Ou seja, já no período da colonização, quem ocupava o papel normativo para a definição dos padrões de normalidade eram os colonizadores, definindo a si próprios como tal e estigmatizando todos aqueles que se distanciavam, como forma de manter sua superioridade, meio de controle social e como justificativa para as ações brutais que foram desempenhadas, causando sua reprodução continuamente na sociedade que ali se formava.

Com relação ao sujeito estranho, os primeiros aspectos analisados são responsáveis por uma mera previsão de quem ele significativamente é: “Baseando-nos nessas preconceções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (GOFFMAN, 2004: p. 5). As exigências, ou a identidade virtual dada a um sujeito, nada mais são do que um estereótipo criado sobre ele. No entanto, estereótipos não são apenas concepções negativas sobre aquela pes-

soa, já o estigma é essencialmente depreciativo ao indivíduo que for marcado.

Parte-se do pressuposto de que estigmas e estereótipos se baseiam exclusivamente em relações sociais, na forma como são firmadas ou excluídas, atributos que desfavorecem certos indivíduos e favorecem outros. Trazendo essa concepção para a realidade brasileira, cabelos longos são considerados como padrão de beleza. No entanto, da mesma forma que afirma a identidade de indivíduos que possuem essa característica com fenótipos brancos, já o cabelo longo crespo é visto de forma negativa. Em casos mais extremos, isso levaria a pessoa negra a passar por situações racistas, por exemplo.

Para elucidar esses conceitos, pode-se analisar a ancestralidade africana em sua forma histórico-cultural. Foi vivenciada sua estigmatização, a tentativa de seu apagamento em massa e de sua deterioração. Ao defender que o sujeito afro-brasileiro foi estigmatizado devido a seu perfil histórico-cultural, Erving Goffman (2004), argumenta:

Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 2004: p. 6).

Mediante a teoria de Hall (2006), pode-se verificar o sujeito estigmatizado de Goffman (2004), como tendo uma identidade fragmentada e contraditória: “Em resumo, diz-se-lhe que ele é igual a qualquer outra pessoa e que ele não o é [...]” (GOFFMAN, 2004: p. 107). Há severas inconsistências impostas sobre sua identificação ancestral; já sua identificação nacional sofre duras repressões com relação ao seu passado histórico-cultural, o qual a pessoa negra poderá nem conhecer. Assim, o sujeito não se identifica com seu passado e não possui identificação com seu local presente, entrando no limbo da identificação instável citada por Hall (2006). Ao debater as demais interseccionalidades, esse ponto

fica ainda mais complexo.

Segundo Clóvis Moura (2004), desde a colonização portuguesa no Brasil, houve o estabelecimento de uma hierarquização social baseada na concepção das diferenças raciais, ou seja, havia, desde a fundamentação da sociedade brasileira, o desejo de uma cultura hegemônica europeia. “O ideal tipo das elites brasileiras, como ideologia de prolongamento do colonizador, continuou e continua simbolicamente sendo o branco. O antímodo étnico e estético, como símbolo nacional, continua sendo o negro” (MOURA, 2004: p. 206).

Embora o Brasil não tenha sido projetado como uma colônia de povoamento, em que não havia o desejo de permanência no território, apenas a exploração dos recursos, é evidente que o pensamento eurocêntrico se manteria durante todo o processo de colonização,

[...] a necessidade de ver as populações autóctones subjugadas inicialmente e os africanos para aqui transportados em seguida, como seres que tinham de humanos apenas a forma, chegando-se a discutir se os índios tinham alma, fato que só foi reconhecido em 1536 pelo papa Paulo III. Os negros só deixavam de ser bárbaros ou gentios pelo batismo, isto é, pela escravidão, como esclareceu Vieira (1663) (MOURA, 2004: p. 208).

Logo, segundo Guimarães (2003), à tentativa de unificação nacional brasileira, conforme um desejo já latente, criou-se um movimento antirracionalização como primeira forma de identificação do brasileiro, também conhecido como a democracia racial. O grande marco precursor desse movimento foi o livro “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre, em 1933, mas também outros se encaixam nessa categoria, como o indianismo, o realismo brasileiro e o folclorismo,

Nos anos 1950, a palavra de ordem que encontramos ainda era a seguinte: a cor é apenas um acidente. Somos todos brasileiros e por um acidente temos diferentes cores; cor não é uma coisa importante; “raça”, então, nem se fala, esta não existe, quem fala em raça é racista (GUIMARÃES, 2003: p. 101).

Desse modo, é possível identificar que as noções de identidade e nacionalidade possuem um forte vínculo entre si. No entanto, no que tange a sua relação com a pessoa negra, em muitos momentos, ambas foram moldadas em seu detrimento. Negligenciavam-se suas características específicas ligadas a ancestralidade, religiosidade e crenças; do mesmo modo que, negava-se a presença do sujeito negro no local em que já estava disposto, mas que não lhe pertencia. Não foi um sujeito no passado, não é um sujeito no presente.

A literatura como um meio de aporte para a identidade afro-brasileira

Ao abranger a concepção de noções identitárias, para compreender a literatura como uma forma autêntica de aporte à identidade sonogada da pessoa negra na sociedade brasileira, primeiro é necessário partir do que ela representa. É essencial ao debate entender o papel da leitura como um dos principais meios norteadores do sujeito, o qual configura seu olhar ao mundo que o cerca e as iminentes relações, sociais e raciais, a que está disposto (FREIRE, 1989).

A literatura pode ser considerada como um meio de construção da identificação social, sendo uma lente que expressa a realidade objetiva dentro da sociedade brasileira. Por meio da leitura, porém, caminha em conjunto com o entendimento social já presente no indivíduo que a pratica, sendo capaz de alimentar seu conhecimento de mundo e acrescentar tudo aquilo de novo a que ele está sendo exposto. Transformando-o em um processo dialético, aquilo que é lido ganha um novo significado devido à forma de ver o mundo do leitor; assim como, a visão de mundo dele é modificada pela do autor literário conforme os significados de sua obra.

Paulo Freire (1981) já teorizava sobre o assunto, defendendo que a leitura que antecede a da palavra é igualmente essencial ao processo de conhecimento e de construção do sujeito.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa pres-

cindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1981: p. 9).

É possível identificar, dessa forma, a importância dada ao que e a como as relações sociais são retratadas na literatura, em como as sociedades escritas podem moldar o pensamento das pessoas em sociedades reais; como personagens podem reproduzir, na vida real, características produzidas para serem literárias, entre elas, o pertencimento social e a identidade por meio da representatividade.

Segundo Bosi (2002), o autor da história a ser contada possui uma rara flexibilidade para retratar seus personagens que integrem seu mundo fantástico, possibilitando que represente o mundo real sobre sua própria ótica, agregando valores e desejos aos agentes daquela ficção; da mesma forma que, antivalores são reprimidos durante a obra. “O valor é objeto da intencionalidade da vontade, é a força propulsora das suas ações. O valor está no fim da ação, como seu objetivo; e está no começo dela enquanto é sua motivação”. (BOSI, 2002: p. 120).

Ao partir de uma análise hegeliana, Alfredo Bosi (2002) traz argumentos de Benedetto Croce, em que argumenta acerca da dialética das distinções, tendo dois marcos cruciais: a intuição e a razão, sendo distinguidas pelo pensamento crítico por trás da ação, sendo tidos como momentos cognitivos da vida do sujeito; como também há os momentos práticos, ou a práxis, distintos pelos desejos e a vontade. Para Croce, a arte é essencialmente intuitiva; já a razão produz fundamentos às ciências e à filosofia, com relação àquilo que é prático. Os desejos estão relacionados à satisfação de desejos ordinários da vida; a vontade é voltada ao campo ético e político do sujeito.

Partindo dessa reelaboração dos conceitos hegelianos, a arte não poderia atingir seu ápice político, pois estaria em um quadrante diferente, não podendo haver homogeneidade entre ambos, da mesma

forma que também não poderia haver entre os outros quadrantes. No entanto, socialmente esse argumento pode ser refutado, pois atualmente a arte possui seu teor político, sendo usada como forma de resistência. Exemplos claros dessa afirmação são os gêneros musicais funk, rap e samba, vistos como forma de força e exaltação da cultura negra e periférica, assim como a literatura afro-brasileira e o afrofuturismo, que possuem como característica a reparação histórica dos locais impostos aos sujeitos afro-brasileiros. “O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia” (BOSI, 2002: p.118).

Para Moura (2004), a literatura brasileira reproduz o negro tal como a sociedade brasileira o faz, como um anti-herói, aquele que entra em conflito com o mocinho e é capaz de moldar negativamente sua jornada. Contudo, muitas vezes, nem sequer há um personagem negro, por isso o autor defende que há uma estruturação que impede os literários de enxergarem o negro como personagem principal. Em suma, há uma barreira estética e ideológica,

A literatura era feita por brancos e em toda a literatura da época vamos encontrar esta constante: o negro não aparece como herói; quando entra como personagem é a personagem boçal, engraçada, o que dá a conotação de que ele é inferior, exatamente para a exaltação do herói (MOURA, 2004: p. 247).

Portanto, a literatura negra foi essencial ao pertencimento dos sujeitos negros, como meio de resistência, como voz para quem foi calado, levando o pertencimento para quem foi expulso e protagonizando quem outrora era apenas um antagonista. Ianni (1988) apresenta a literatura negra como um movimento constante, que se autorregula, despreendendo-se de gêneros ou escolas literárias específicas, mas possuindo singularidades entre si que culminam em uma união literária. Ou seja, a literatura negra não está localizada apenas nos gêneros literários do romance ou aventura, por exemplo, ela transpassa essas especificidades devido à ideia de a representa-

tividade não se prender apenas a esses pontos.

Dado o exposto, Octavio Ianni (1988) aponta as seguintes partes constitutivas da literatura negra: é composta por escritores conscientes do papel social que estão desempenhando, sendo responsáveis por dar voz para personagens que antes não possuíam falas ou direito a uma história e um desenvolvimento literário complexo; o conjunto de leitores dessas obras, que também possuem certa consciência sobre aquilo que estão lendo, assim, parte-se do pressuposto de que as pessoas buscam na leitura um ponto de fuga da realidade objetiva a que estão expostos, preferindo uma história que preencha vazios sociais existente; a leitura, ou o mecanismo transmissor, para o autor seriam as palavras, mas, seguindo por uma lógica freiriana, pode-se ter a leitura, sendo ela compromissada e crítica com a história a ser contada.

Essa concepção tem em vista “se assumir negro”, reproduzir a cultura negra, as religiosidades de matrizes africanas; as danças; as festas; moldando a realidade existente, ou a transportando para outra com outras características e outras preocupações literárias; relacionando sujeitos negros entre si, ultrapassando um mero embate competitivo; valorizando as identidades negras, criando uma realidade em que possam existir, livres.

Sobre a conceituação proposta por Octavio Ianni (1988), acerca de assumir a posição de negro em uma sociedade como a brasileira, com certos traços de antinegitude tão bem-marcados, pode-se enxergar que o ato de se autodeclarar como um sujeito negro é se despir da concepção negativa agregada na palavra “negro”, abandonando o fardo que ela representou para aqueles que eram tidos como exóticos e inumanos, que foram postos no papel de escravizados, no qual seus descendentes ainda são vistos como tal (FONSECA, 2021).

Desse modo, a constituição da literatura negra, em seus romances e poemas, permite ao sujeito negro se enxergar como um “alguém social”, para além de apenas uma força de trabalho ou um corpo sexualizado, mas uma pessoa capaz de amar e ser

amada. Com relação ao suspense e ao terror, aquele sujeito poderá se ver como além de um corpo no chão, como o investigador, por exemplo, dotado de lógicas mirabolantes capazes de resolver mistérios. Na aventura ficcional, é possível à pessoa negra acreditar em um futuro negro, em aventuras e tecnologias que o levam para desbravar o mundo.

Elementos constitutivos do Afrofuturismo e Afro-pessimismo

Conforme apresentado, devido ao importante papel que a literatura e a leitura podem exercer na vida das pessoas, a literatura é capaz de desempenhar um papel essencial no que tange ao aporte da identidade do sujeito negro. Como já teorizado por Octavio Ianni (1988), é possível verificar o reflexo da organização social do sujeito negro, assim há o gênero afrofuturista. Nessa perspectiva, o emergente movimento cultural do afrofuturismo, que busca agregar à representatividade atual a uma representação de um futuro negro, em diversos âmbitos que cercam a vida social, como na literatura, com obras como *O Caçador Cibernético da Rua 13*, de Fábio Kabral (2017), e *O Último Ancestral*, de Ale Santos (2021); na música, por meio de Ellen Oléria (2016), com seu álbum *Afrofuturista*, e Xênia França (2017), com seu álbum *Xênia*; no áudio visual, há o curta-metragem *Bluesman*, de Bacu Exu do Blues (2019), ganhador do Gran Prix do festival Cannes Lions, assim como o documentário *Branco Sai, Preto Fica*, do diretor Adirley Queirós (2015).

O termo afrofuturista surgiu em 1995, em uma entrevista em que Mark Dery, um escritor norte-americano branco, questiona alguns autores negros sobre a ausência de escritores e personagens afro-americanos no gênero ficcional da época. Entre os entrevistados estavam Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose. Embora sejam três escritores diversos entre si e de amplas áreas da escrita, as respostas seguem por um mesmo padrão: rebatendo o questionamento sobre como escrever e incentivar a escrita de um futuro negro, sendo que, em muitos momentos, não há sequer um passado (KABRAL, 2020).

Para compreender essa problemática a partir das repostas dos escritores afro-estadunidenses entrevistados, é necessário um amplo aprofundamento dentro de uma concepção nacionalista sobre quem é pertencente a determinada sociedade e quem é o “outro”, podendo ser visto como um estranho ou não pertencente.

Retomando o debate e o posicionando na sociedade brasileira, pode-se partir da análise do mito da democracia racial do livro “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre. Em uma tentativa de consolidação de um perfil brasileiro, verifica-se o apagamento da concepção política de raça, trazendo a falsa sensação de mero acaso à “cor”, projetando o senso comum de que as necessidades nacionais estão acima das necessidades individuais, incluindo questões afro-brasileiras. Caracteriza-se, assim, um apagamento histórico-cultural, visto que a cultura hegemônica era exclusivamente brasileira e branca (GUIMARÃES, 2003).

Desse modo, aqueles que diferem da ideia nacionalista implantada são postos na posição do “outro”. Com as respostas dadas pelos dois autores, fica evidente que eles foram postos nessa categoria, da mesma forma que as pessoas negras na criação de uma nacionalidade brasileira. Então por qual razão um escritor negro deveria escrever sobre alienígenas, ou qualquer outro ser inumano, vivendo em uma sociedade humana à qual não pertence, se eles já estão nessa posição?

Essas problematizações são fundamentais para a identificação do sujeito negro, em seu caráter amplo, na sociedade moderna. Rangel (2016) traz a reflexão sobre a abdução imposta de sujeitos negros com a diáspora e a escravatura, em que eles foram levados para um novo local, mas, para além disso, foram instrumentalizados, metamorfoseados para a condição de coisa, na qual ainda permanecem,

Hoje, o grande número de negros vivendo em bairros pobres, os altos índices de criminalidade

de que envolvem pessoas negras, o predomínio de negros na composição da população carcerária, a violência policial dos Estados em relação às pessoas negras, o desemprego ou o exercício de funções de menor remuneração, são algumas das realidades para as pessoas negras que fazem confrontar, de um lado, um ideal de igualdade e desenvolvimento pregados pelo pensamento modernista iluminista e, de outro, os desdobramentos da escravidão do período colonial e a marginalidade contemporânea vividas por negros (RANGEL, 2016: p. 134).

Tendo em mente tais fundamentos, o afrofuturismo é um movimento literário, musical e visual que busca explorar a dinâmica entre a pessoa negra, ficção científica e a tecnologia. Atendendo a esses três tópicos, o afrofuturismo busca criar uma estrutura social que seja pertencente também aos negros ressaltando pontos que insistem em ser invisibilizados na conjuntura atual, abrangendo sua ancestralidade, religiosidade e sua estética, permitindo a construção de uma história que ultrapasse as barreiras do estranhamento de si mesmo para com sua nacionalidade e ancestralidade.

No que tange ao ficcional, é capaz de reestruturar a dimensão inconsciente do que é tido como um personagem e enredo principal, com fenótipos e culturas específicas. Ao abordar o exemplo da literatura brasileira, desde seu início com Gregório de Matos, tido como o primeiro autor no Brasil, a escrita adotada era eurocentrista advinda do homem branco, já indicando as especificidades daqueles tidos como protagonistas na literatura nacional (ALENCAR *et. al.* 2010).

A noção de tecnologia, em termos gerais, sempre foi condicionada aos países eurocêntricos, capazes de dispor do que é considerado padrão de consumo sobre os países que são tidos como periféricos. Desse mesmo modo, a tecnologia, o progresso e, até mesmo, o futuro nunca foram diretamente ligados à cultura africana. Buscando refutar essa condição, o afrofuturismo empunha, tal como uma arma, essa característica como meio de resistência contra um estereótipo sobre o atraso

tecnológico.

Fábio Kabral (2020) defende que o afrofuturismo consiste em quatro pontos essenciais: os personagens principais são negros, como já abordado, o que transpassa o mero acaso das características de um personagem, engloba a visão e o conhecimento legítimo de pessoas negras; apresenta uma narrativa de ficção especulativa, em que o gênero surge a partir da experimentação dos artistas negros em suas criações.

Há também a cultura negra no centro de toda a temática trabalhada na história criada, não como uma cultura antônima daquela tida pela hegemonia branca, mas como uma cultura autêntica e orgânica. Por fim, é uma história de negros e feita por negros, a qual se torna uma necessidade do gênero, pois, em sua essência, é um local onde a voz negra é vazada como resistência. Kabral (2020) argumenta:

Trata-se da autoconscientização de pessoas africanas como sujeitos e agentes atuando sobre sua própria imagem cultural, de acordo com seus próprios interesses humanos, conceito criado por Molefi K. Asante (KABRAL, 2020).

A partir do afrofuturismo, criou-se também uma vertente chamada de Afropessimismo. Para Frank B. Wilderson (2021), constitui-se por meio de uma vertente político-filosófica e cultural, em que são expressas as sensações e emoções de pessoas negras acerca da sua inconformidade social, a partir de sua posição dentro das estruturas racistas que permeiam a sociedade à qual estão integradas. Marcado pelo pessimismo e insurreição, “O afropessimismo é o povo negro no seu auge. ‘Bravos com o mundo’ é o povo negro no seu auge”. (WILDERSON, 2021, p. 50). Possui como obras, na literatura, *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório (2021), e, no áudio visual, há o curta-metragem *Chico*, dos diretores Eduardo Carvalho e Marcos Carvalho (2016), por exemplo.

O afropessimismo, sobretudo, vê a conjuntura atual como decadente e carente de uma nova que a substitua em um ciclo. Essa concepção não crê em uma nova sociedade ou “um meio de salvação”, pois, dentro de sua compreensão, as formas de opressão

apenas estariam sendo atualizadas e os oprimidos continuariam sendo os mesmos.

Wilderson (2021) argumenta que, no início de sua adolescência, sabia que era negro, no entanto, sua identificação como preto só viria um tempo depois, conforme suas experiências com seus algozes racistas, sejam estes outros adolescentes ou adultos que compartilhavam o mesmo círculo social. Ao tecer suas experimentações como um adolescente negro, registra brilhantemente tal compreensão, para além da adolescência, como também da infância, ao ser adulto e contemplando a velhice. Para ele, estar atento à temporalidade atual se tornava um martírio, concepção abarcada pelo movimento político-filosófico do afropessimismo.

Estar no presente, em determinadas circunstâncias, cerceia as pessoas negras à miséria, à violência urbana e às suas individualidades restritas, como o caso da identidade, por exemplo. Desse modo, ansiar pelo futuro traz certo alento, conforme explicitado pelo autor: “Quando menino, eu raramente vivia no presente. Estar no presente doía demais. Quando me dava conta, eu era o eu do futuro. O presente era a penitência, o que precisava pagar pela minha fuligem”. (WILDERSON, 2021: p. 30).

Ao conceber sua cor como fuligem, verifica-se que há a negação do “ser uma pessoa negra”, pois se algo está “sujo”, basta lavá-lo; da mesma forma que também é possível macular as pessoas brancas com sua “sujeira”, sendo necessário seu afastamento e cuidado social, projetando uma inferiorização, conforme teorizado por Goffman (2004).

A definição do processo de escravização proposta pelo historiador Orlando Patterson (FREITAS; MESSIAS, 2018) é um marco, porque busca fugir da definição central do trabalho forçado. Possui três características principais: o escravizado era visto como um objeto, tornando-se um sujeito social morto e disposto a enfrentar todo tipo de violência moral e desonra, com total ou quase total descaso humanitário da sociedade a qual foi inserido.

O segundo aspecto seria a alienação natal e ancestral, em que as pessoas negras perdiam qual-

quer tipo de individualidade cultural, sendo massificadas, tornando-se coisa. No entanto, mesmo como objeto, possuíam um “dono” e socialmente uma “dívida”. Por fim, a violência era justificada, apresentando-se, para tal, os mais variados motivos. Como já mencionado, a condição humana advinha apenas do responsável pela escravização.

Este ethos desumanizador que está presente no preceito/prerrogativa da violência institucionalizada/estatal que aflige o negro na forma do aparato repressor do estado, mas também dos justicamentos praticados, sancionados ou ao menos consentidos por parte significativa da população (FREITAS; MESSIAS, 2018: p. 14-15).

Dada as três características dispostas anteriormente, é possível compreender o fato de o sujeito negro ainda ser marcado pela escravidão, sendo visto, ainda, como objeto; seu corpo ainda é estigmatizado como forma braçal; socialmente, ainda não é um sujeito pleno em direitos; sua ancestralidade ainda é vista como algo pejorativo; ainda há uma borracha apagando sua história, sua individualidade e sua expressividade cultural; a violência ilimitada ainda se perpetua através da violência policial, da criminalização da juventude preta e periférica, como canta Emicida (2015): “E os camburão o que são? Negreiros a retraficar. Favela ainda é senzala, Jão” (EMICIDA. Boa Esperança. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2015. 4 min.).

Concebe-se o afropessimismo como uma compreensão, a princípio, individual de cada pessoa negra. É o produto da constatação das múltiplas agressões que lhe são passíveis por simplesmente existir, algo que, por si próprio já é visto como uma transgressão. Conforme desenvolvido por Wilderson (2021), o afropessimismo é a expressão da raiva, da mágoa e da tristeza, apropriando-se de tais como sinal de revolta; a boca outrora calada, agora grita.

Contudo, este grito, imerso em sua própria raiva, inclina-se ao ceticismo, conforme elaborado por Freitas e Messias (2018), “O futuro como ‘apresentado atualmente para nós’ é entendido pela afropessimista Hortense Spillers a partir do entendimen-

to do tempo não como progressivo/passageiro, mas acumulativo”. (FREITAS; MESSIAS, 2018: p. 17). Em que são exploradas dinâmicas sociais imutáveis, incapazes de aceitar os corpos negros para além da mera coisificação e propriedade. A partir desta temporalidade acumulativa, tal grito de revolta sequer poderia ser ouvido.

Dado isto, os movimentos políticos-filosóficos do afropessimismo e do afrofuturismo, podem ser compreendidos como complementares ao que tange a práxis do afropensamento, em que o afrofuturismo é capaz de abarcar a compreensão necessária para que haja a perspectiva de um futuro digno às pessoas negras, possibilitando a práxis para tal; como também, o afropessimismo compreende a visão brutal e real das violências empregadas aos corpos negros.

Desse modo, é possível concluir que o afropessimismo busca a consciência crítica sobre o mundo tangível que cerca as pessoas negras, defendendo uma sociedade em declínio, à espera de uma revolução social enérgica a ponto de desconstruir, não apenas as ordens vigentes atuais, mas a atualidade em si. Conforme argumentado por Wilderson (2021), “Não existe mundo sem negros, mas não há negros no mundo” (WILDERSON, 2021, p. 54). Já o afrofuturismo busca, através de um olhar positivo e inspirador sobre o que virá futuramente, levar seu público-alvo a acreditar em um futuro, tal como uma retratação do passado, tal como defendido por Kênia Freitas e José Messias: “Se o futuro planetário é negro, ao menos populacionalmente, como argumenta [Achille] Mbembe, outra perspectiva afrofuturista que nos parece importante para a discussão desse texto volta-se para o futuro do passado” (FREITAS; MESSIAS, 2018, p. 7).

Portanto, o gênero literário afrofuturístico é apresentado como uma forma de afirmação identitária, o qual, desde sua gênese, busca representar espaços outrora negados aos sujeitos negros. Ou seja, por meio da combinação desses dois gêneros, afrofuturismo e afropessimismo, é possível alcançar as pessoas que enxergam o futuro como uma possibilidade de liberdade identitária, em que haverá aceita-

ção social das identidades e formas de expressão que possuem, e aqueles que olham o futuro como uma representação do passado, sem que haja efetivamente uma posição social representativa ou reformadora.

Considerações Finais

A compreensão identitária e seus meios de afirmação são concepções complexas, visto que elas se alteram e se tornam complexas conforme as compreensões sociais e individuais de cada sujeito devido a suas fragmentações. No caso brasileiro, devido ao contexto sócio-histórico advindo de um longo período colonial, do qual a sociedade foi formada, para o sujeito afro-brasileiro, houve o apagamento em massa de sua ancestralidade e a estigmatização dos fragmentos restantes de sua performatividade ancestral, complexificando ainda mais seu acesso à formação da identitária.

Os meios de aporte identitários, tal como a literatura, são essenciais nesses casos. Priorizando uma reestruturação do padrão de normalidade, a literatura desempenha um papel de norteamento do sujeito, sendo ela capaz de retratar a sociedade, além de alimentar valores e antivalores conforme o intuito de cada obra, gênero literário e autor que está desenvolvendo a história (ROSI, 2002). Dessa forma, é identificada a essencialidade das relações sociais retratadas, sendo uma facilitadora de novas formas de identidade ou potencializadora da hegemonia social vigente.

Diante disso, a literatura afrofuturista se encaixa como um aporte de afirmação à identidade afro-brasileira, pontuando especificidades da cultura negra como sua ancestralidade, religiosidade e estética; permitindo, assim, o pertencimento literário de personagens negros que ultrapassem a mera casualidade; acrescentando a importância das vivências dos autores, também negros, na construção dos personagens e histórias; partindo da concepção futurista, sendo capaz de reestruturar tudo aquilo que é remetido à tecnologia, identificação e protagonismo nos personagens e sociedades negras desenvolvidas; possibilitando, também, por meio do afropessimis-

mo, uma leitura crítica e densa dos meios de expressão presentes na sociedade e das tentativas falhas de emancipação.

Referências

ALENCAR, Maria Gisele de *et. al.* Literatura Afro-Brasileira: Vozes Quilombolas em Destaque. In: _____. **Relações Etnicorraciais: Saberes e Experiências no Cotidiano Escolar**. 1 ed. Londrina: Eduel. 2010. p. 71-82.

BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. In: _____. **Literatura e Resistência**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118 - 135.

Ibidem. Poesia versus Racismo. p. 163-185.

FONSECA, Maria Nazareth. Literatura negra: os sentidos e as ramificações. **Literafro: O Portal da Literatura Afro-Brasileira**, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes>. Acesso em 7 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1989. p. 9-15.

FREITAS, Kenia; MESSIAS, José. **O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo – as distopias do presente**. Revista Imagofagia, v. 17, p. 402- 424, 2018.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 2004.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Como trabalhar Raça em Sociologia**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 103-107, jan./jun. 2003.

HALL, Stuart. Identidade em Questão. In: _____. **Identidade Cultural da Pós-Modernidade**. 10^o ed. Rio de Janeiro: DP&A editora. 2006. p. 7-22.

Ibidem. As Culturas Nacionais como Comunidades Imaginadas. p. 47-66.

Ibidem. Fundamentalismo, Diáspora e Hibridismo. p. 91-97.

IANNI, O. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 28, p. 91-99, 1988. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i28p91-99. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70034>. Acesso em: 7 ago. 2023.

KABRAL, Fabio. **Artigo e atividades bem didáticos sobre AFROFUTURISMO**. Wordpress, 29 de junho de 2020. Disponível em: <https://fabiokabral.wordpress.com/2020/06/29/artigo-e-atividades-bem-didaticos-sobre-afrofuturismo/>.

MOURA, Clóvis. Miscigenação e Identidade Étnica. *In: _____*. **Dialética Radical do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Anita LTDA, 2014. p. 205-212.

Ibidem. Negro na Literatura Brasileira. p. 246-248.

RANGEL, Edson. **Afrofuturismo e questões políticas do negro na ficção científica**. Revista de Audiovisual, Vitória, n. 5, 2016.

WILDERSON, Frank B.III. Sugando ossos de vértebras. *In: _____*. **Afropessimismo**. 1. Ed. São Paulo: Todavia, 2021, p. 29-67.